



48

REVISTA  
PORTUGUESA  
DE  
HISTÓRIA

COIMBRA 2017

## Editorial

A *Revista Portuguesa de História*, patrocinada pelo Instituto de Alta Cultura, com arranjo gráfico e impressão na Tipografia da Atlântida, teve a sua primeira publicação no ano de 1941. No topo da capa ostentava o nome da instituição que lhe servia de berço – a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – e do Instituto a que ficaria ligada até ao ano de 1975 – O Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos. Abaixo do nome da revista, no centro, vê-se a marca do *Instituto de Estudos Históricos*, carimbo adaptado da zincogravura criada por António Augusto Gonçalves (1848-1932) para o *ex-libris* de António de Vasconcelos. O desenho representa um monge, numa postura de escrita, iluminado por uma candeia, tendo como legenda, a divisa: *Interroga et diligenter investiga*.

Vivia-se no 4.º Grupo (História) da Faculdade de Letras, nas palavras de António de Oliveira, um tempo “de grande vigor historiográfico” conforme se atesta pelas áreas de especialidade, e pela obra, dos membros do corpo redatorial da RPH: Damião Peres (História dos Descobrimentos), Joaquim de Carvalho (História da Cultura e da Filosofia), Virgílio Correia (Arqueologia), Manuel Lopes de Almeida (História Social e das Instituições), Paulo Merêa e Luiz Cabral de Moncada (História do Direito e das Instituições), Mário Brandão e Torquato Sousa Soares (História das Instituições). A partir de março de 1941, o ambiente intelectual viria a enriquecer-se graças ao convívio com o medievalista francês Pierre David (1882-1955) que encontrou na FLUC o refúgio seguro para continuar a exercer as funções de docência e de investigação que passou a dedicar à História da Idade Média Portuguesa.

A justificação para a criação da RPH, os seus objetivos e princípios orientadores enunciavam-se, de forma clara, no editorial: “A falta cada vez mais sensível de uma revista portuguesa de História levou a Direção do Instituto de Estudos Históricos a promover a publicação de um anuário que seja simultaneamente o testemunho vivo da sua atividade cultural e a projeção dessa atividade em todo o País. Assim, existindo, essencialmente, para arquivar a produção do núcleo de estudiosos que se agrupam no Instituto, nem por isso enjeita a contribuição de estranhos que queiram trabalhar de harmonia com os seus métodos de investigação e crítica histórica. E porque o trabalho histórico é, por natureza, um trabalho de colaboração, procurará ainda a Revista Portuguesa de História pôr-se desde já em contacto com os diversos países da Europa e da América, dando a conhecer, por intermédio dos seus valores mais

representativos, os resultados da sua atividade científica — resultados esses que tanto podem dar novos rumos à historiografia nacional que a nossa revista procura, sobretudo, impulsionar e servir”.

Do texto atrás transcrito, realçamos o facto de a RPH ter como principal objetivo a divulgação dos resultados da pesquisa histórica, referentes à História de Portugal, elaborada pelos membros do Instituto de Estudos Históricos, podendo igualmente publicar textos de outros historiadores que quisessem trabalhar “de harmonia com os seus métodos de investigação e crítica históricos”. A metodologia de pesquisa e de construção históricas constituía-se, assim, como critério de inclusão ou de exclusão de artigos. Aberta ao exterior, a RPH ambicionava “dar novos rumos à historiografia nacional”, desiderato que concretizou sobretudo nos primeiros números através da inclusão de recensões sobre historiografia estrangeira.

Uma apreciação das orientações historiográficas da RPH passa, sobretudo, pela análise dos textos nela publicados. Em termos de cronologia, o primeiro tomo da RPH definiu o que haveria de constituir uma das suas marcas identitárias até à década de 70: o estudo da Idade Média, área de especialidade da maioria dos membros do Instituto de Estudos Históricos e, de forma particular, de Torquato de Sousa Soares, alma impulsionadora deste periódico até aos anos setenta.

A vida do Instituto de Estudos Históricos António de Vasconcelos passou a ser, no entanto, marcada, na viragem dos anos 50 para os 60, pelos jovens assistentes Luís Ferrand de Almeida e António de Oliveira. O primeiro integrou a direção da RPH, na qualidade de Secretário, a partir do tomo 8 (1959); o segundo, a partir do 9 (1960). O secretariado composto pelos medievalistas Torquato de Sousa Soares, Avelino de Jesus da Costa e Salvador Dias Arnaut passou a contar com a colaboração de dois historiadores modernistas sensíveis a novos temas, em particular aos que constituíam objeto da sua investigação conducente à elaboração das teses de doutoramento: a História do Império, em particular do Brasil, e a História Económica e Social.

O tomo 15 da RPH, publicado com data de 1975, constitui um volume de transição entre dois tempos. Saiu com três artigos dedicados à Idade Média e cinco referentes à Época Moderna, sendo um deles de António de Oliveira sobre demografia histórica e outro de Luís Ferrand de Almeida referente ao problema da aclimação de plantas do Oriente no Brasil; por sua vez, Maria Helena da Cruz Coelho recenseou o volume das *Actas de las I Jornadas de Metodologia Aplicada de las Ciencias Historicas*, (Historia Medieval), realizadas em Santiago de Compostela. Marcavam presença três historiadores responsáveis pela abertura da Revista, agora sem constrangimentos ideológicos, aos vários campos da pesquisa historiográfica.

Extinto o *Instituto de Estudos Históricos António de Vasconcelos* a Revista Portuguesa de História foi acolhida pelo *Instituto de História Económica e Social*, criado em 1976. Desde essa data até à atualidade, integraram o corpo redatorial da RPH os docentes do IHES (Ana Isabel Ribeiro; António Martins da Silva; António de Oliveira, Irene Maria Vaquinhas; João Lourenço Roque; João Paulo Avelãs Nunes; José Amado Mendes; Leontina Ventura; Margarida Sobral Neto, Maria Alegria Marques; Maria Antónia Lopes; Maria Helena da Cruz Coelho; Maria Teresa Nobre Veloso; Rui Cascão; Sérgio Soares) destacando-se a dedicação que a este periódico devotou o Professor Luís Ferrand de Almeida. Damos agora as boas vindas aos nossos colegas do Instituto de Paleografia: Maria José Azevedo Santos, Maria do Rosário Morujão e Saul António Gomes

Circunscrevendo-nos a uma apreciação genérica da vida da RPH nos 40 anos que decorrem entre 1976 e 2016 podemos afirmar que continuou fiel ao lema inscrito no *ex-libris* de António de Vasconcelos: *Interroga et diligenter investiga*: pôr problemas, e tentar encontrar a sua resposta em investigações conduzidas com solidez metodológica, configura-se como um dos principais propósitos de uma história credível, independentemente do campo ou do período cronológico em que se situe o seu objeto de análise.

A mudança política ocorrida em 1974, associada à renovação do corpo redatorial da RPH proporcionou as condições para que este periódico cumprisse, efetivamente, os desígnios enunciados no editorial do primeiro tomo, passando a publicar artigos referentes a “problemas” de interesse para a História “nos seus diferentes aspetos”. As mudanças registaram-se, sobretudo, na abertura à área da História Contemporânea e numa prevalência de artigos do campo da História Económica e Social. Ao longo das últimas 4 décadas, a RPH manifestou uma tendência para a publicação de volumes temáticos: o tomo 23 publicou as Atas do Colóquio “A Revolução Francesa e a Península Ibérica”, o 25 dedicou-se à história da Indústria e o 33 comemorou a passagem dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil (“Portugal e o Brasil. Rotas de culturas”).

Esta tendência tornou-se num princípio editorial desde o tomo 37 dedicado a “Formas e contextos da violência”. Com efeito, os tomos seguintes integraram dossiers temáticos sobre: “Guerras e conflitos no século XX” (38); “Da teoria da História à didática da História” (39); “Religião, religiões e diálogo inter-religioso” (40); “História Rural” (41); “Historiografia portuguesa” (42); “Água: vida, economia e cultura” (43); “A nobreza: tempos, espaços e poderes”(44); “Depois da guerra”, volume dedicado à guerra na época contemporânea (45); a “Presença de Portugal no mundo” (46) e “Quotidianos e vida privada” (47).

Entre 2006 e 2016, a Doutora Maria Helena da Cruz Coelho exerceu com grande empenhamento as funções de diretora da Revista Portuguesa de História. Para além de ter procurado sintonizar a revista com a agenda historiográfica atual, preservando, no entanto, as suas marcas identitárias, conformou-a com as exigências da internacionalização de periódicos em vigor na atualidade. A partir do tomo 41, foram adotadas as normas internacionais no que concerne à avaliação prévia dos artigos por pares e a outras exigências como a rigorosa periodicidade anual. Os frutos da dedicação votada à RPH pela nossa consagrada medievalista traduziram-se na sua indexação nas seguintes plataformas: *Web of Science*, *Latindex*, *Scientific Journal Impact*, *Dialnet*, *European Reference Index for the Humanities and Social Sciences e Scopus*.

Por decisão dos membros do Conselho de Redação da RPH assumi no mês de maio de 2016 a função de Diretora deste periódico, cargo que procurarei desempenhar honrando, na medida do possível, o precioso legado construído com dedicação e proficiência por todos os que assumiram ao longo do tempo a direção da Revista.

Graças ao desenvolvimento científico e técnico, uma parte da humanidade conseguiu vencer hoje o espaço – um dos principais obstáculos à circulação de mercadorias, capitais, pessoas e ideias existente na era pré-industrial (“o inimigo número um” nas palavras de Braudel) – beneficiando, em múltiplas perspetivas, do mundo que funciona como aldeia global. Paradoxalmente, outra parte da humanidade para além de não beneficiar dos progressos civilizacionais, é obrigada a deixar a sua terra natal, aonde chegam apenas os progressos das armas letais, para procurar pão e paz em paragens idealizadas.

A diversidade de mobilidades de pessoas, de migrações, na multiplicidade das suas facetas, interpela o homem de hoje e, de forma particular, o historiador quando confronta o presente com o passado. Neste contexto, a RPH decidiu dedicar o tomo 48 a esta problemática. A chamada de artigos assumiu a seguinte formulação: “Num momento em que a questão das migrações está e cada vez mais presente no nosso quotidiano, a Revista Portuguesa de História propõe, no seu número de 2017, uma reflexão histórica multiperspetivada sobre os processos de mobilidade (de pessoas, de ideias, de cultura material), as suas motivações (políticas, sociais, económicas, religiosas), as suas trajetórias e os seus impactos imediatos e duradouros. Convidam-se a entregar propostas de textos para eventual publicação especialistas nos vários períodos históricos (pré-medieval, medieval, moderno e contemporâneo), portugueses e de outros países, da área da História, mas também de outras Ciências Sociais e Humanas”. Respondendo a este repto, submeteram artigos para publicação no tomo 48 da RPH um número muito expressivo de investigadores de que resultaram, após

apreciação por especialistas de várias áreas, os textos que se dão agora a lume. Os seus autores são maioritariamente historiadores. Enriquecem, no entanto, este volume as análises e reflexões vindas de outros campos como a geografia, a literatura ou os estudos fílmicos.

O sentido histórico congrega, no entanto, todos os autores: evocando as palavras de Magalhães Godinho, a História é “uma forma de pensar os problemas do nosso tempo”, talvez a melhor forma se for multiperspetivada, atenta à diversidade dos contextos e à espessura temporal das vivências humanas e assumir um olhar crítico e problematizador.

O prestígio da Revista Portuguesa de História deve-se ao contributo de um conjunto de colaboradores que ao longo do tempo, em diversos planos, a enriqueceram. Deixaram-nos este ano dois generosos e conceituados colaboradores: o Professor Eiras Roel, da Universidade de Santiago de Compostela, e o Professor Marques de Almeida, da Universidade de Lisboa. Aqui lhe expressamos uma sentida homenagem.

Cumprе finalmente agradecer a todos aqueles que tornaram possível a publicação deste volume. Aos autores dos artigos e das recensões agradeço o facto de terem proposto à RPH a divulgação dos resultados da sua pesquisa e reflexão.

À Doutora Ana Isabel Ribeiro manifesto o meu reconhecimento pela coordenação científica deste tomo e à Dr<sup>a</sup>. Maria Manuel Almeida agradeço o trabalho de coordenação técnica.

Aos especialistas que aceitaram efetuar a revisão científica dos artigos agradeço a generosa colaboração.

Apresento ainda o meu reconhecimento ao Sr. Diretor da FLUC e ao Sr. Diretor do DHEEAA o suporte institucional dado à Revista Portuguesa de História.

Ao Sr. Diretor da Imprensa da Universidade, Doutor Delfim Leão, agradeço o acolhimento da publicação do tomo 48 da Revista Portuguesa da História bem como o empenhamento na sua valorização. Agradecimento extensivo a todos os colaboradores da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Finalmente, faço votos para que os resultados da investigação e reflexão patentes neste tomo da Revista Portuguesa de História se traduzam num enriquecimento do conhecimento histórico, contribuindo ainda para o aguçar do olhar dos leitores sobre a espessura histórica e multifacetada do fenómeno das migrações, sobretudo as que envolvem atualmente um intolerável sofrimento humano.

A diretora da Revista  
*Margarida Sobral Neto*